

FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E INTERDISCIPLINARIDADE: o ponto de
vista de gestores universitários

RESUMO

Sônia Maria Rocha Sampaio

Universidade Federal da Bahia

sonia.sampaio@terra.com.br

Georgina Gonçalves dos Santos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

georgina@ufrb.edu.br

Relatamos aqui alguns resultados parciais do projeto Formação Universitária e Interdisciplinaridade¹ que atua no âmbito de uma compreensão crítica sobre currículos de formação e o percurso do pensamento interdisciplinar e nutre o debate sobre a propriedade da formação geral e interdisciplinar no estágio em que essa discussão se configura, atualmente, em duas universidades do estado da Bahia: a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O projeto avalia como está sendo desenvolvido o projeto de uma educação geral de base interdisciplinar, tanto do ponto de vista conceitual quanto da sua materialização nas atividades acadêmicas, de extensão e de pesquisa propostas aos estudantes. Essas iniciativas, posteriores à adesão dessas instituições ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e consequentes à evolução do debate sobre a adequação das formações universitárias propostas no ensino superior brasileiro, ainda careciam de avaliação sistemática e se encontram em momentos diferentes nessas duas IFES. O estudo está inscrito no campo da investigação qualitativa, é tributário das abordagens fenomenológicas representadas pelo interacionismo simbólico e pela etnometodologia e adota, para produção de dados, a pesquisa documental e entrevistas compreensivas com discentes, docentes

¹ Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

e gestores. Nesta fase, já concluída, apresentamos os resultados obtidos entre gestores de uma das instituições que focam sobre o percurso político desse debate e a questão crucial da formação docente no ensino superior.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Gestão do ensino superior; Formação docente

2 INTRODUÇÃO

Esse artigo, que trata da sempre atual questão da formação acadêmica proposta para jovens estudantes em instituições universitárias, parte de uma abordagem sobre as dificuldades de conceituação do empreendimento interdisciplinar para, em seguida, relatar os resultados iniciais de um estudo interinstitucional desenvolvido pelo grupo de pesquisa Observatório da Vida Estudantil, em duas universidades brasileiras situadas no Estado da Bahia. O estudo quer identificar o percurso seguido para a implantação de projetos formativos de caráter interdisciplinar. Os dados aqui apresentados referem-se a uma das instituições pesquisadas, a UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB) obtidos em entrevistas realizadas com gestores da sua administração central.

3 ALGUMAS PONTUAÇÕES SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE

Para Raynaut e Zanoni (2011), qualquer que seja a definição que tomemos de interdisciplinaridade veremos que ela não se constitui como caminho intelectual pronto e fácil de ser seguido. Nesse sentido, acredita-se que a palavra francesa *démarche* se ajusta amigavelmente à compreensão desses autores e ao empreendimento da interdisciplinaridade tal como a percebemos. *Démarche* abriga vários sentidos, desde forma de caminhar ou de agir, podendo ser traduzida como atitude, comportamento ou conduta, ou ainda como tentativas feitas para obter sucesso e conseguir realizar um negócio, um projeto e, nesse caso, admitindo a tradução de abordagem, questão ou ainda, nova busca ou solicitação. Mas, de todos os sentidos que a palavra emana, o que mais nos parece próximo da perspectiva de interdisciplinaridade aqui assumida é aquele em que *démarche* quer dizer a maneira pela qual a mente desenvolve sua atividade (ROBERT, 2005), situando-se no espaço de uma disposição para elaborar com outros, novas perspectivas de ação sobre fatos materiais ou imateriais, ou seja, co-laborar no

interior de um grupo implicado. Mesmo que a dicotomia entre o universo da materialidade e da imaterialidade não passe “de um artifício metodológico” de abordagem das coisas do mundo (RAYNAUT, 2011 p.93).

Assim, interdisciplinaridade não é tomada aqui como um estado de fato. Ela se funda sobre a construção e a organização de um aspecto da vida ou do conhecimento, não sendo um objeto, realidade em si, e melhor compreendida como método e perspectiva. Segundo essa ótica, ela resulta de uma atitude que se desenvolve e assume novas formas ao longo de um processo de construção do saber, especialmente de novos saberes. Dessa forma, a expressão projeto interdisciplinar parece mais apropriada e pertinente para designar o caráter processual inerente à noção de interdisciplinaridade. (COLET, 2002) Ao longo da *démarche* interdisciplinar, assume-se aqui ser necessário admitir também a convivência com ambiguidades e uma dose razoável de opacidade e inseguranças, mesmo partindo de uma predisposição de esclarecer e acrescentar transparências ao objeto sob investigação. A ciência, acostumada à busca de certezas e ao controle estrito da natureza, se abre para a inovação e para as estratégias reversas de pesquisa, quando, frente a um dado problema posto pela vida em sociedade, por exemplo, passa a examiná-lo a partir de suas consequências para compreender sua lógica e identificar quais as demandas de conhecimentos necessários para seu tratamento adequado.

O que almeja a interdisciplinaridade é ser um tipo de busca científica interessada na evolução da ótica disciplinar e utilizada a partir de sua pertinência no tratamento de um dado objeto. Seu sentido só se esclarece quando remetida a situações específicas e no interior de dinâmicas particulares. Assim, praticar ou não a interdisciplinaridade deve ser avaliada caso por caso, a depender das trajetórias das disciplinas e dos pesquisadores e dos temas de pesquisa: “A interdisciplinaridade não é o futuro ‘one best way’ das ciências, mas somente uma modalidade de atividade científica no interior de percursos que comportam outros” (VINCK, 2000 p. 77).

Para trilhar caminhos em construção permanente, consideramos que, na atuação de caráter interdisciplinar, o trabalho descritivo assume grande importância. O rigor da descrição, tanto do objeto quanto dos métodos, técnicas e procedimentos utilizados ao longo do projeto comum de pesquisa, é ferramenta incontornável para o entendimento e a superação das inúmeras dificuldades conceituais e/ou metodológicas ao abordar temas que exigem um colégio de competências diversas. A descrição dos modos de fazer e de

operar e sua partilha entre os membros da equipe é que irá permitir o grau de consenso que faz progredir o trabalho de cooperação.

Vale à pena uma estação para considerar melhor o papel ativo do docente-pesquisador nessa tarefa de descrição. Para ser descrito, o objeto precisa ser contemplado e, sobretudo, vivenciado, o que vai deslocar o pesquisador de um lugar excêntrico para o de participante, que assume o estatuto de implicado na compreensão do seu problema de pesquisa e abdica da postura pretensamente objetiva e distante preconizada pela ciência em sua feição moderna, iluminista. Não é apenas a aproximação de saberes antes distanciados que se está defendendo. O que se propõe é que o envolvimento do docente-pesquisador especialista, aberto à interlocução com outros, se dê no formato do contágio, da proximidade, da vizinhança, admitindo que o que ele já sabe é insuficiente para dar conta do que tem diante de si como tarefa, preconizando que a “guerra das ciências” (LATOUR, 2001) seja substituída pela ética da colaboração, da compreensão e do incentivo a um trânsito necessário de ideias, métodos e pessoas. Não há interdisciplinaridade sem agentes concretos, sem a disponibilidade nômade atenta aos fenômenos sobre os quais se debruçam, certos de que não é possível compreender aquele objeto a partir da lógica disciplinar e identificar que outros saberes se impõem como necessários para o desenvolvimento do projeto.

Para Colet (2002), três princípios constituem a base das *démarches* interdisciplinares: integração, colaboração e síntese. **Integração** conceitual, teórica ou metodológica de duas ou várias disciplinas colocadas em contato; essa integração demanda uma **colaboração**, isto é, reunir representantes de diferentes disciplinas, o que necessita de uma coordenação e uma cooperação das competências científicas, encarnadas por pessoas com formação apropriada. O resultado esperado da integração e da colaboração toma a forma de uma **síntese**.

A exposição desses princípios reforça a ideia de que a interdisciplinaridade não se pratica *in abstracto*, necessitando da materialidade de um projeto, seja de pesquisa ou de ensino-formação, que exige estarmos em condição de precisar os termos dessa integração, colaboração e síntese e, assim, trabalharmos em prol de sua concretização. A concepção de interdisciplinaridade sustentada por Colet (2002) orienta que todo projeto compreende uma dimensão cognitiva que se ocupa da integração e de uma dimensão pragmática que

se volta para o princípio da colaboração, ambas correlacionadas e que apresentam como resultado de suas interações uma síntese a partir do princípio de interdependência anunciado anteriormente. A integração disciplinar remete a um problema de organização dos saberes, enquanto que a colaboração diz respeito à organização do trabalho. Todas as duas dimensões são igualmente exigentes e necessitam de grande investimento coletivo.

3 A COMPREENSÃO DOS GESTORES SOBRE O PERCURSO INTERDISCIPLINAR

Nas duas instituições focadas por essa pesquisa, apenas iniciada, podemos encontrar duas situações bem distintas: no caso da UFBA, universidade que vem de festejar seus setenta anos de existência, a discussão sobre o ensino de caráter interdisciplinar e a formação geral dos estudantes de graduação, tem início, no final do primeiro mandato da gestão que a dirigiu por oito anos². No ano de 2006, o projeto nomeado Universidade Nova, retoma aspectos do projeto para uma universidade verdadeiramente brasileira, desenvolvido por Anísio Teixeira (1990-1971) para a Universidade do Distrito Federal (UDF) e propõe a reorganização curricular em ciclos, com foco na articulação entre as três culturas inspirado na proposta de ensino do pedagogo americano Abraham Flexner (1866-1959).

A reação da comunidade acadêmica, entretanto, não foi positiva, o que resulta, numa atitude de recuo proativo da gestão dessa universidade com a criação de uma nova unidade para abrigar o que se chamaria Bacharelados Interdisciplinares, com três anos de duração, em quatro áreas do conhecimento: Humanidades, Artes, Tecnologias e Ciências, Saúde³. Esses novos cursos dão acesso a um diploma de nível superior, permitem aos concluintes ingressar diretamente no mundo do trabalho, num curso de caráter profissionalizante ou ainda continuar sua formação em cursos de pós-graduação.

Já a UFRB, cuja criação, em 2003, dentro do plano de expansão e interiorização do ensino superior brasileiro, foi tutorada pela UFBA, o caminho foi diferente. Não

² Referimo-nos aos mandatos do Prof. Naomar de Almeida Filho (2002-2005 e 2006-2009)

³ Os dados obtidos acerca desse percurso entre dirigentes dessa instituição não foram consolidados e, sendo assim, não serão tratadas nesse artigo.

enfrentando, desde o início, a discussão da inovação curricular, por motivos que tentaremos explicitar ao longo desse trabalho, a instituição apenas reproduziu os modelos de cursos já existentes, todos com enfoque disciplinar e profissional até o ano de 2007, quando, apesar de focos de resistência na comunidade acadêmica, adere, formalmente, ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

No momento inicial de criação dessa universidade, segundo um dos gestores entrevistados havia um “descontentamento com o desmembramento por parte dos quadros da antiga Escola de Agronomia da UFBA” o que se reflete numa cultura universitária conservadora e pouco receptiva à ideia de consolidar uma nova instituição de ensino superior pública na Bahia e que também admitisse novidades em seu modelo de funcionamento. Ele completa: “havia mais entusiasmo fora da universidade, nas comunidades que receberiam suas novas unidades, do que internamente”. Logo, nesse momento inicial, a administração central teve de lidar com o descontentamento de setores conservadores, que ainda são fortes e se fazem ouvir, não reunindo apoio para debruçar-se sobre a questão da formação propriamente dita.

Outro aspecto que podemos depreender dos dados produzidos refere-se à estruturação dessa nova instituição por áreas de conhecimento rompendo a ordem de unidades isoladas e organizadas de forma disciplinar. Isso deveria favorecer “a integração entre os professores de diferentes disciplinas dentro de um mesmo campo, como, por exemplo, o da saúde⁴, através do desenvolvimento de atividades de pesquisa, extensão e ensino mais próximas e em permanente diálogo”. Segundo o que pudemos obter, esse “diálogo” entre disciplinas tarda ainda a acontecer. Ao que parece, a força da ação disciplinar ainda é mais forte do que aquela que clama por ações conjuntas e de caráter interativo em todos os seis centros sendo mais evidentes em alguns deles.

Um dos entrevistados pontua que, ao cenário interno se deve acrescentar que “a demanda da população local, que receberia a nova instituição, era para a oferta de cursos tradicionais, como Medicina, Direito e as Engenharias o que contribuiu para uma espécie de divisão [em centros] que atendeu assim, a anseios mais convencionais”. Mas

⁴ Esse centro, localizado na cidade de Santo Antônio de Jesus, congrega os cursos de Psicologia, Medicina, Nutrição, Enfermagem e o BI de Saúde.

havia urgência em iniciar as atividades acadêmicas da nova universidade, dessa forma, afirma um gestor, tanto os projetos pedagógicos quanto os currículos dos cursos foram reproduzidos na UFRB a partir daqueles existentes na UFBA, projetos considerados de formação linear. Assim, foram adicionados a um projeto de infraestrutura organizacional inovador, que demandava modificações nas áreas administrativas, acadêmicas, curriculares e pedagógicas, modelos formativos totalmente tradicionais.

Ao examinar mais detidamente as contribuições obtidas desses diferentes postos de direção, depreendemos que, naquele momento de criação, o fundamental era aproveitar a janela de oportunidades aberta pelo governo federal para expansão da rede de ensino superior público, no horizonte de um projeto inclusivo com foco nos segmentos excluídos desse nível de educação. A UFRB vai, então, debruçar-se sobre uma política de ações afirmativas para se consolidar, como de fato aconteceu, como a maior universidade brasileira desse movimento de expansão e interiorização, a mais negra do país e aquela que atende, em prioridade, os segmentos C e D de nossa população: “O importante [era] interiorizar a universidade, abrir a universidade para um público que não tem acesso, estruturar permanência, implantar ações afirmativas [...] Não [foi] pela formação, pelo ensino, pelos currículos e pelos modelos de formação que nós [fizemos] inclusão [...]” afirma, com lucidez, um gestor entrevistado.

Mas, ao assumir os compromissos requeridos pelo REUNI, em 2007, a administração central da UFRB assume oficialmente uma autocrítica:

[...] conservadorismo nos currículos atuais, dificultando abordagens mais dinâmicas que propiciem ao aluno e ao professor maior intercâmbio de experiências e informações. Nesse sentido, as “ilhas” são reproduzidas e cada um trabalha “de costas” para o outro, centrando-se em seu campo de especialização. Em suma, há muito que se avançar no tema da interdisciplinaridade. O desafio que se impõe é adequar a estrutura acadêmica e curricular aos ditames e exigências do século XXI. E a UFRB, enquanto instituição em formação e crescimento está disposta a encarar este desafio (UFRB, 2007, sem página).

Com essa definição pública a UFRB se compromete com o desenvolvimento de

inovações curriculares, a diversificação das opções de formação e a criação de dois Bacharelados Interdisciplinares, entre a paleta dos 17 novos cursos propostos a partir da assinatura do documento enviado ao Ministério da Educação (MEC). Nesse mesmo texto citado, o Recôncavo é reconhecido como uma “(...) região de aprendizagem” (UFRB, 2007, sem página) a ser preferencialmente abordada através da interdisciplinaridade. Dessa forma, as áreas de conhecimento e os núcleos de estudo e pesquisa criados a partir do REUNI/UFRB, se tornariam canais para o desenvolvimento de ações de intercâmbio entre as diversas disciplinas com a finalidade de promover a interdisciplinaridade. A proposta foi aprovada em dezembro de 2007 e o montante de R\$ 11.874.909,30, requeridos para a implantação do projeto, foram liberados no segundo semestre do ano seguinte.

Na sequência, são criados o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, no campus da cidade de Santo Antônio de Jesus⁵ e o Bacharelado Similar em Ciências Exatas e Tecnológicas (BCET), no campus da cidade de Cruz das Almas, este último com características muito específicas que, a nosso ver, o afastam do que consideramos abordagem interdisciplinar⁶. Em cada um dos seus outros centros, a questão do currículo interdisciplinar, que ainda está sendo debatida, foi compreendida e eventualmente aplicada de diferentes formas. Podemos afirmar que esse processo ainda está em desenvolvimento, em diferentes velocidades, se considerarmos cada uma das experiências em curso.

4 CONCLUSÕES

Ao pensar o projeto da instituição, os atores nele envolvidos, não pareciam focar a inovação do processo formativo, talvez, como diz acima o gestor, pela urgência das tarefas políticas e administrativas que deviam enfrentar para realizar a inclusão a que se propuseram e também porque, acrescentamos, não havia, a essa época, suporte teórico-conceitual para avançar em direção a um desenho mais ousado e inovador. O debate sobre novos modelos de formação iniciado em São Paulo, especificamente, na região do

⁵ Esta universidade adotou o modelo de multicampia e criou centros universitários em Cruz das Almas (sede), Cachoeira, Santo Antônio de Jesus, Santo Amaro, Amargosa e Feira de Santana, cidades localizadas na região do Recôncavo da Bahia.

⁶ Por suas particularidades esse curso, será objeto de análise específica no âmbito desse projeto de pesquisa.

ABC, com a criação, em 2005, da Universidade Federal do ABC (UFABC)⁷ para, em seguida aproximar-se da UFBA, em 2006, ainda precisou de algum tempo para ser considerado pela nova universidade. O fato do conceito dos Bacharelados Interdisciplinares surgir apenas depois dos cursos da UFRB terem sido implantados é lamentado por um dos entrevistados.

O fato é que, a UFRB, convivendo com os intensos debates que se davam na UFBA em relação à inovação curricular vai iniciar modificações curriculares para introduzir, nos diferentes campi, formatos diversificados de bacharelados de caráter mais ou menos interdisciplinar que se ajustam de formas variadas à estrutura anterior. O que podemos identificar é que ainda não há maturidade institucional e a massa crítica necessárias para que as experiências em curso sejam criticadas, modificadas e, dessa forma, façam avançar o projeto acadêmico dessa nova universidade, de forma mais harmônica, especialmente no que diz respeito a um projeto de formação docente. Sem esse condicionante - o compromisso docente com o alargamento da perspectiva formativa da juventude - todo empreendimento interdisciplinar ou, mais amplamente, de inovação curricular, está fadado ao insucesso ou, na melhor das hipóteses, a um tratamento parcelar.

No momento atual dessa discussão, não é o tema da interdisciplinaridade ou de mudanças curriculares que se configura como foco dessa instituição; mas, sim, os problemas gerados pelo atrito entre novas ideias e uma estrutura que insiste em permanecer conservadora. Mesmo se observamos os conteúdos de reivindicações apresentadas pelos estudantes, especialmente ao longo desse último e conturbado ano letivo, não encontramos críticas acerca dos modelos adotados pelas diferentes formações disponíveis e exigência de modificações significativas em sua natureza. A continuidade dessa pesquisa talvez aponte caminhos e outras possibilidades.

5 REFERÊNCIAS

COLET, N. R. (2002) *Enseignement Universitaire et Interdisciplinarité*. Un cadre pour analyser, agir et évaluer. Bruxelles : De Boeck & Larcier.

LATOUR, B. (2001) *A Esperança de Pandora*. Ensaios sobre a realidade dos estudos

⁷ Esta nova instituição foi concebida a partir de um modelo essencialmente inovador na forma de bacharelados interdisciplinares integrados a possibilidades de cursos de pós-graduação.

científicos. Bauru, SP: EDUSC.

RAYNAUT, C. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In PHILIPPI Jr., A. e SILVA NETO, A. J. (2011) *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri, SP: Manole.

RAYNAUT, C. e ZANONI, M. Reflexões sobre princípios de uma prática interdisciplinar na pesquisa e no ensino superior. In PHILIPPI Jr., A. e SILVA NETO, A. J. (2011) *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri, SP: Manole.

ROBERT, P. (2005) *Le Grand Robert de la Langue Française: Dictionnaire de la Langue Française* (version électronique). Paris: Robert/SEJER, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. (2007) Formulário de Apresentação de Propostas (REUNI). Cruz das Almas: UFRB.

VINCK, D. (2000) *Pratique de l'interdisciplinarité: Mutations des sciences, de l'industrie et de l'enseignement*. Grenoble: Presses Universitaires.